

Ela os vê rasgando os céus quando cai o orvalho da manhã, indo para onde nenhum corpo são jamais tocou. Ao céu tão profano, poderia tocar os olhos de modo a contemplar tamanha beleza sem corromper a pureza hedionda? Afundava-se em devaneios tão distantes do céu quanto o próprio purgatório, mas se atava em desejo tão profundo, mesmo que simplista, de uma vez, ao menos, contemplar de onde os corvos vêm. De todos os erros, por todas as paixões, jurava que cederia a sanidade para caminhar ao lado da morte; mas bem que não podia. Achava cômico - de um jeito mórbido - tal coisa como a liberdade. Quantas ironias sobre despencar finalmente poderia ter construído fora daquela janela? Rosnando pragas às aves, que se iam embora em voo de escárnio. Esse seria o desfecho se caminhasse mais uma vez por seu quintal, entre arbustos finitos, sob céus finitos e constelações frias como seu próprio cinismo.

Imaginava as terras onde cambaleavam os mortos, situadas muito além do tempo. Pois não seria a morte eterna? Mas os corvos eram mais - essa era única certeza que a embalava ao se recostar no colchão rumo aos sonhos. Tinham de ser! Como a guiariam ao fim e ao bosque de heras, de sonhos e ideais, se, em algum espaço, fossem e nunca mais voltassem? Pois essa era a sina, condenados a carregar os filhos do universo quando eles mesmos foram expulsos de tal.

Eram infinitos, ela estava convicta. Via-os indo e vindo do além, via-os atravessar a barreira do tempo e da entropia apenas para encontrá-la mais uma vez na poltrona rígida de sempre, para vê-la envelhecer e se deliciarem em suas paisagens finitas, irreais.